

Fantasmар

Dizem que não se pode sentir o que se não viveu
Discordo. Não sendo eu essa pessoa, sou terceira
Serei velha, criança, patroa extravagante e arruaceira
Soldado, obreiro, comediante ou migrante em solo europeu

A poesia é atriz e Mãe; não são mentiras as vidas
Que em si mesma florescem. O poeta é Ninguém
Pois que todos cabem dentro do vazio de alguém
Palavra, e todas as histórias verdadeiras são parecidas

Serias tu a dama indizível de cognome Alguém?
Rasgas com andar de onça caminhos de fogo e mato
Deslizas mansa que a cidade tem pedras no sapato
E uma dança se interpõe [posto que és seda também]

O dia de hoje é um baile de mentiras. Toma conta de ti
[Há um fantasma e uma mulher excluída que numa esquina sorri].

(Inédito)

GUARDA-me

Deita-se a luz no verde da montanha
E a estrada longa corre como rios
Fica para trás uma saudade estranha
[No sonho pássaros e assobios]

A cada passo mais longe se resGUARDA
Campo florido de subtil encanto
Cidade que decerto já me aguarda
Onde a neblina se transmuta em canto

Um pouco de mim deixo às manhãs de Maio
[Aos meninos e aos acordes de violão
Lego pegadas matinais no empedrado]

Deixo marcas de insónias no colchão
Uma morna trauteada, quase um fado
E um abraço cantado para Djarmai.

(Inédito)

Duas Mulheres e um Charco

Sentou-se a custo no banco frio da paragem de autocarro, num fim de tarde carregado de cor de chumbo, em que as nuvens grossas empalideciam até o verde da encosta à nossa frente. A mulher arrastava um enorme saco de plástico no qual trazia uma coleção de incomparáveis bordados, naperons e rendas, que fazia *para se entreter e para ganhar algum*, pois a parca reforma *não lhe dava para nada*.

– E o marido? – perguntei.

– Sofre dos nervos – respondeu-me com um olhar evasivo cheio de sombras.

Não ousei escarafunchar mais perguntas invasivas na sua carapaça de dor, tão clara como a manhã que estava por vir. Mas enquanto me iam passando pelas mãos aquelas obras de fada, Cesaltina ia-me explicando que se chamava assim em homenagem a uma madrinha da terra, patroa da mãe, que lhe ensinara o que sabia de bordados e lavores. E depois, a talho de foice, ia desfiando o rosário dos seus pesares nas entrelinhas de uma história confusa cheia de *mea culpa* e de incongruências. E a camioneta que não vinha, e a chuva que não abrandava, cada vez mais grossa e insistente, fazendo sobressair aquele cheiro acre a terra ensopada que me falta sempre, extraindo música do piso de lajetas. Porque é que Cesaltina e eu estávamos sós naquela paragem? O horário colado no vidro

estava esfarrapado pelas asas metedidas do vento e outros vandalismos, e o que saquei da carteira imediatamente voou para longe e se diluiu numa poça de água lamacenta. E Cesaltina que repetia que *o seu Quim sofria dos nervos* e por isso não trabalhava há anos, e que ela fazia aquilo *para se entreter e para ajudar em casa*, pois tinha à sua guarda dois netos, memória que lhe restava de um filho emigrado na Holanda e que não dava notícias. E aquela mulher minúscula não percebia que carregava às costas uma família inteira, de dependentes e de ausentes e até do *pobre do Quim, que sofria dos nervos e não podia trabalhar*, e por isso se distraía seguindo religiosamente todos os campeonatos de futebol e, às vezes, *coitado, ia ter com uns amigos ao Dolce Vita para ver a bola no ecrã gigante e tomar uns copos para desanuviar, porque um homem também tem que espaiecer, 'tadinho, e ele andava de monco caído...*

A pequena Sherazade declamava monocordicamente a sua interminável história numa voz côncava, algo sumida dentro dos pulmões, que morria sob o intenso clamor da chuva.

De repente surgiram, atrás do vidro, recortados pela teia milimétrica das gotas de água espalmadas, dois miúdos tentando desenhar umas palavras com os dedos. Bati no vidro com força e fiz-lhes sinal para se abrigarem na paragem. A minha nova quase-amiga juntou-se a mim, e, sem pensar duas vezes, limpou-lhes as costas molhadas com alguns dos seus naperons mais espessos e pequenas mantas de retalhos e rosetas, ao mesmo tempo que lhes gritava uma reprimenda carinhosa.

– Como é que te chamas? – perguntei.

– Francisco. E ele é o Ricardo. É o meu irmão.

– E que raio andam vocês aqui a fazer debaixo de chuva a uma hora destas?

– Tia, nós estamos só a brincar. A mãe está lá em casa com o tio e disse para nós irmos comprar pão ao Dolce Vita.

Francisco não teria mais de sete anos e o irmão ainda menos. Eu tinha acabado de me abastecer de meia dúzia de víveres numa loja do bairro e partilhei com eles o que tinha na altura. Esqueci a camioneta de regresso ao meu mundo confortável, com elevadores limpos e operacionais, corredores com música ambiente e sem grafitis, esquentadores inteligentes e estantes com livros em segunda fila. Éramos só nós, ali e naquele momento: o Francisco, o Ricardo, a Cesaltina e eu. Propus-me acompanhá-los a casa e perguntei-lhes onde moravam.

– É ali, tia, atrás da igreja, mas nós já vamos...

E nisto esgueiraram-se à velocidade das suas pernas de infantis atletas; mal tive tempo de os ver desaparecer. A minha amiga baixou os olhos com

desconforto e eu descortinei por fim os faróis da camioneta a reluzirem ao fundo da rua no meio das paredes de chuva. Não fiz sinal de paragem e o motorista voltou a acelerar depois de abrandar ligeiramente, submergindo as pesadas rodas numa enorme poça que entretanto se formara junto ao abrigo precário onde estávamos.

Um jeep preto de vidros fumados girou um pouco mais além e a bordadeira assentiu com a cabeça.

– É ele, o tal “tio”. Agora os miúdos já podem entrar em casa.

Pasmei-me com o seu suave conformismo.

– Porquê? – perguntei, num quase monólogo que se escapara da boca.

– Desculpe. Não posso ir consigo. Eu sou do bairro e eles conhecem-me. E o meu Quim sofre dos nervos... – repetiu maquinalmente.

Éramos só nós: Cesaltina e eu, agora encharcadas pela água imunda e pela indiferença cúmplice com que testemunhávamos aquele prenúncio da noite no subúrbio. Um dia banal numa tarde escura em que eu, com uma morada e um nome rabiscados num pacote de açúcar, hesitava entre ser omissa e intrusiva. Algum tempo depois decidi-me e bati à porta. E ali fiquei à conversa com uma mulher assustada, de olhos muito brilhantes. Ignoro que destino teve a família do Francisco e do Ricardo mas guardo como recordação desse episódio uma pequena manta colorida de rosetas que comprei à Cesaltina. Éramos só nós.

(Inédito)

NOTA BIOGRÁFICA

Luísa Fresta é poetisa, cronista e contista portuguesa e angolana. Em 2016 integrou, juntamente com sete outros autores, uma antologia solidária (com o conto intitulado *O papel de Aurélie*), editada pela Livros de Ontem.

Escreve quinzenalmente no portal *O Gazzeta*, e publica ainda no portal *Entrementes – Revista Digital de Cultura* e no jornal *Artes&Contextos*. Como crítica de cinema, mantém artigos de opinião no *site* de crítica de cinema *Africiné* e na revista *Awotele*. Em Agosto de 2016, integrou o júri do comité de pré-seleção da representação pan-africana do Festival l'Arbre d'Or.

É autora das seguintes obras: *49 Passos / Entre os Limites e o Infinito* (poesia), Chiado Editora, 2014.